



O MERCADO DE TRABALHO
DA REGIÃO DO NORTE (2008-2016) [pág. 3]

PROJEÇÕES DEMOGRÁFICAS (2015-2080) [pág. 13]

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Sem informação não há conhecimento nem intervenção consequente

Ao lançar uma nova publicação, subordinada ao título NORTE ESTRUTURA, a CCDR-N tem por objetivo determinante contribuir para o aumento da visibilidade da informação estatística disponível sobre a Região do Norte e, por essa via, igualmente contribuir para alimentar um debate regional mais qualificado porque melhor informado.

A exemplo da Norte Conjuntura, um produto já consolidado, a NORTE ESTRUTURA terá também uma periodicidade trimestral, embora sujeita a um calendário de publicação desfasado, e irá apresentar conteúdos de natureza económica ou socioeconómica de forte componente empírica e assentes em material estatístico credível e analisado com dominantes preocupações de objetividade e rigor. Procurar-se-á, sobretudo, fazer luz sobre algumas das tendências pesadas que caracterizam a evolução a médio ou longo prazo da economia e da sociedade da Região.

Sublinhe-se que a vontade de fomentar o debate regional não significa necessariamente ser-se o palco desse debate, antes implica ser-se capaz de chegar a um público diversificado e de o procurar inquietar e desafiar pela positiva. Mas a NORTE ESTRUTURA pretende, acima de tudo, ser mais uma referência em que a Região do Norte se possa rever, para em seguida se questionar, em termos de tratamento da informação, pelo que esta publicação não terá espaço para a publicação de artigos de opinião nem de trabalhos de investigação de natureza académica.

Só conhecendo a realidade e aprofundando a compreensão dos problemas é possível intervir de forma adequada e consequente com vista a potenciar e alcançar as transformações de que a Região imperiosamente carece. Esperamos que em coletivo assim vá sendo cada vez mais.

Fernando Freire de Sousa

Presidente da CCDR-N

O MERCADO DE TRABALHO DA REGIÃO DO NORTE (2008-2016)



Neste artigo abordamos o mercado de trabalho da Região do Norte para lá da sua evolução estritamente conjuntural, privilegiando em vez disso um enquadramento de médio/longo prazo, por forma a identificar algumas tendências que dificilmente se destacariam numa avaliação trimestral. A análise baseia-se nos resultados do Inquérito ao Emprego, produzido pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

Um novo ciclo de crescimento económico, centrado a Norte

Os anos de 2014 a 2016 marcam um novo período de crescimento económico a nível nacional, contrastando com o período recessivo anterior. A Região do Norte não apenas acompanhou esta nova dinâmica de crescimento económico, como inclusive a superou. Em 2014 e 2015 o crescimento real do PIB do Norte excedeu o nacional e a Região do Norte foi o principal motor de crescimento da economia nacional. Para 2016 ainda não é conhecido o crescimento do PIB regional, mas vários indicadores parcelares (tais como o emprego, as exportações, o turismo, a procura de *inputs* importados para a indústria ou o crédito ao consumo) mostram uma evolução tão ou mais favorável na Região do Norte do que a nível nacional, pelo que é de admitir como possível que o crescimento económico da Região Norte em 2016 possa, mais

uma vez, ter sido tão ou mais forte do que o registado a nível nacional.

O mercado de trabalho da Região do Norte reagiu favoravelmente a este novo ciclo de crescimento, encetando também uma recuperação, com criação líquida de emprego e recuo do desemprego, que contrasta com a tendência observada entre 2008 e 2013.

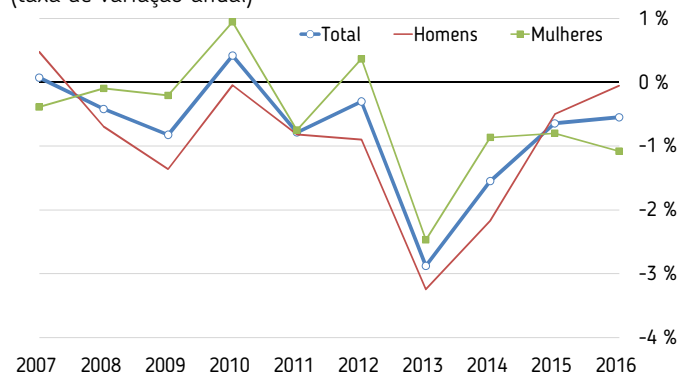
Mão-de-obra menos abundante e mais qualificada

Depois de 2007, a oferta de mão-de-obra, avaliada pela população ativa em valores médios anuais, tem vindo quase sempre a diminuir na Região do Norte (apenas com a exceção do ano de 2010). Entre 2007 e 2016, na Região do Norte, a oferta de mão-de-obra (dada pela soma da população empregada com a desempregada) diminuiu em cerca de 143 mil indivíduos, sendo que mais de metade dessa redução (-84 mil ativos) ocorreu em 2013 e 2014. Por outro lado, quase 69% da redução sofrida pela população ativa entre 2007 e 2016 ocorreu entre a mão-de-obra masculina.

Para a diminuição da população ativa contribuíram quer a diminuição da população residente (motivada sobretudo pela componente migratória), quer o envelhecimento demográfico,

População Ativa da Região Norte

(taxa de variação anual)



quer a própria diminuição dos níveis de participação na atividade económica em determinados grupos etários.

O saldo migratório da Região Norte é negativo desde 2003, enquanto o saldo natural apenas em 2011 passou a ser negativo. Entre o final de 2007 e o final de 2015, a Região Norte acumulou um saldo migratório negativo de quase -98 mil indivíduos e um saldo natural, também negativo, da ordem de -18 mil pessoas. Além disso, o Norte é a região NUTS II portuguesa onde o índice de envelhecimento mais se tem agravado. Entre 2007 e 2015 (estimativas em final de ano), o índice de envelhecimento da Região Norte passou de 96,5 para 139,5 idosos (com mais de 64 anos) por cada 100 jovens (com menos de 15 anos de idade).

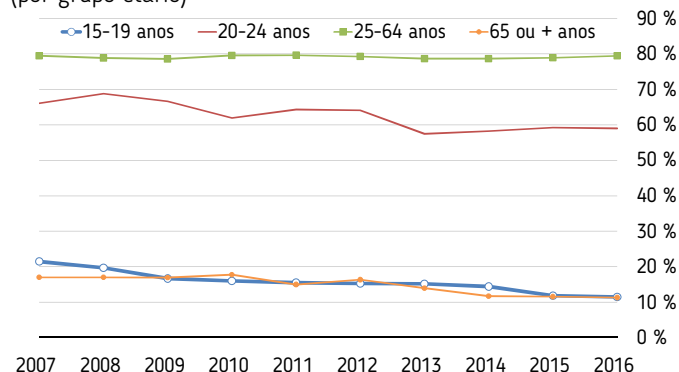
Quanto às taxas de atividade por grupo etário, é notório um declínio progressivo no grupo dos 15 aos 19 anos, ao longo de todo o período. Para o grupo dos 20 aos 24 anos, a evolução mais notória ocorreu entre 2008 e 2013, período no qual a respetiva taxa de atividade se reduziu em mais de 10 pontos percentuais (de 68,7% para 57,4%), recuperando depois ligeiramente (atingindo 59,0% em 2016). Dos 25 aos 64 anos, a taxa de atividade tem sido praticamente constante. Finalmente, para o grupo dos cidadãos com 65 ou mais anos de idade, a tendência dominante tende também para uma diminuição dos níveis de atividade económica, observada sobretudo nos anos 2011, 2013 e 2014.

Entre os jovens, e particularmente no grupo dos 20 aos 24 anos, a queda das taxas de atividade parece estar relacionada com o aumento da proporção daqueles que não estão empregados, nem estão envolvidos em educação ou formação (por vezes designados pela expressão “nem, nem”). A proporção de jovens dos 20 aos 24 anos nesta situação cresceu de 12,3% para 20,1% entre 2008 e 2014, diminuindo nos dois anos seguintes para se fixar em 17,6% em 2016.

Outro aspeto importante da oferta de mão-de-obra na Região do Norte é a sua crescente qualificação, nomeadamente no que se refere aos níveis de escolaridade. Em 2007, aproximadamente seis em cada dez ativos (59,7% da população ativa) do Norte não tinham sequer concluído o ensino básico (3º ciclo); em 2016, essa proporção tinha sido reduzida para um terço (33,4%). No mesmo período, a

Taxas de Atividade na Região Norte

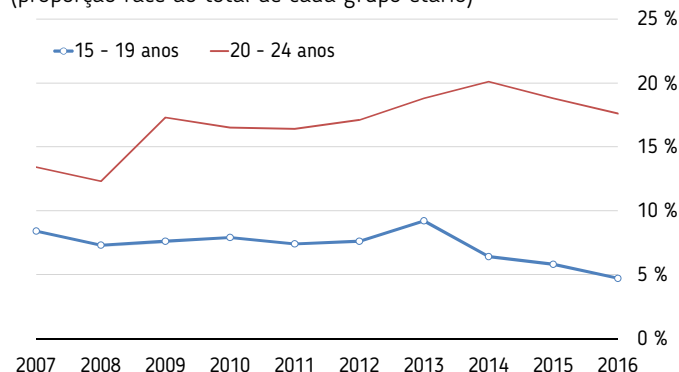
(por grupo etário)



proporção da mão-de-obra regional com habilitação ao nível do ensino superior passou de 11,6% para 21,9%.

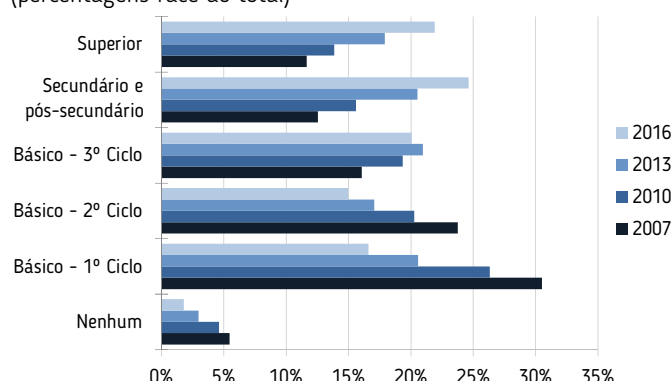
Jovens que não estão empregados, nem em educação ou formação, na Região Norte

(proporção face ao total de cada grupo etário)



População Ativa da Região Norte, por nível de escolaridade mais elevado completo

(percentagens face ao total)



Destruição e criação líquida de emprego

A grave crise financeira internacional desencadeada em meados de 2008 teve um impacto imediato na economia da Região do Norte, caracterizada pela sua forte orientação exportadora. A população empregada residente no Norte passou a observar variações negativas logo no 3º trimestre de 2008 em termos homólogos e a partir de 2009 em termos

médios anuais. Esta tendência negativa haveria de se prolongar até final de 2013.

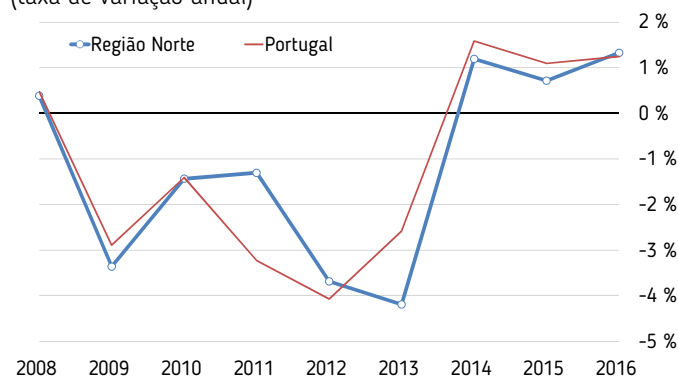
Entre 2008 e 2013 (valores médios anuais), a Região Norte sofreu um processo de destruição de emprego que, segundo o Inquérito ao Emprego realizado pelo INE, significou menos 236 mil indivíduos empregados (ou -13,3%). Esta proporção é idêntica à observada a nível nacional (-13,4%). Por outras palavras: em termos líquidos, 2 em cada 15 empregos existentes em 2008 tinham desaparecido em 2013, tanto na Região do Norte como a nível nacional.⁽¹⁾

A partir do início de 2014, esta tendência foi invertida e o emprego voltou a crescer na Região do Norte. Entre 2013 e 2016 esta região beneficiou de um processo de criação de emprego que, em termos líquidos, se traduziu por mais cerca de 50 mil indivíduos empregados – ainda longe, portanto, de compensar a destruição de emprego vivida no período anterior. Em 2016, a população empregada residente na Região do Norte contava cerca de 1 milhão e 594 mil pessoas, em média anual.

Entre 2008 e 2013 a destruição líquida de emprego fez-se sentir, em termos acumulados, com a mesma intensidade relativa na Região do Norte e em Portugal como um todo. Mas nos anos de 2013 e 2014 o crescimento da população empregada observado no Norte foi relativamente menos acentuado do que a média nacional. Em 2016, contudo, o crescimento da população empregada na Região do Norte foi ligeiramente superior à média nacional (1,3% contra 1,2%). Em termos acumulados, entre 2013 e 2016 a população empregada residente na Região do Norte aumentou em cerca de 3,3%, enquanto a nível nacional cresceu 4,0%.⁽²⁾

População Empregada

(taxa de variação anual)



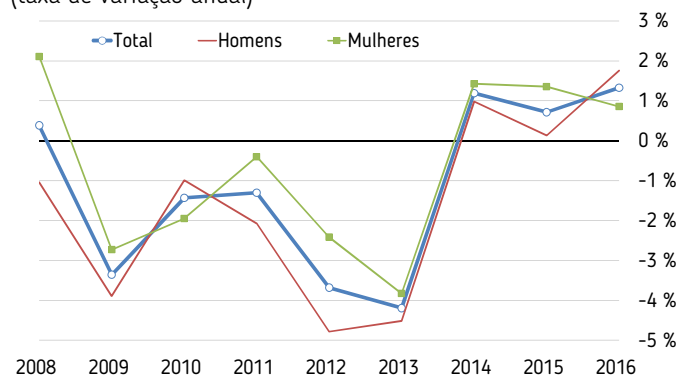
⁽¹⁾ Se, em vez do Inquérito ao Emprego, se tomar como fonte as Contas Regionais (variável Emprego, indivíduos totais), a medida da destruição líquida de emprego ocorrida na Região do Norte entre 2008 e 2013 passa a ser de -199 mil empregos, representando -11,6% (compara com -12,4% para Portugal, segundo as Contas Nacionais).

⁽²⁾ As Contas Nacionais e Regionais ainda não disponibilizam o valor do Emprego (indivíduos totais) para 2016. Entre 2013 e 2015, as Contas Regionais indicam um crescimento de 52 mil postos de trabalho na Região do Norte (+3,4%, que compara com +2,8% a nível nacional).

Durante o ciclo 2008–2013, na Região do Norte, a diminuição da população empregada foi quase sempre mais acentuada entre os homens do que entre as mulheres. Assim, entre 2008 e 2013 as mulheres passaram de 46,0% para 47,3% da população empregada do Norte. Já durante a fase de crescimento, o emprego feminino continuou a evidenciar um desempenho mais favorável do que o masculino nos anos de 2014 e 2015, situação que se inverteu em 2016. Neste último ano, as mulheres representaram 47,5% da população empregada da Região do Norte.

População Empregada da Região Norte, por género

(taxa de variação anual)



As flutuações a que tem estado sujeito o emprego na Região do Norte assumem uma expressão diferenciada segundo os setores de atividade. A indústria transformadora e o comércio têm sido os setores nos quais o emprego mais tem sofrido os efeitos destas oscilações cíclicas.

Entre 2008 e 2013, os setores que sofreram as maiores perdas de emprego na Região do Norte foram as indústrias transformadoras (aproximadamente menos 82 mil pessoas empregadas), a construção (menos 76 mil), o setor primário (agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca, com menos 46 mil empregados) e o comércio por grosso e a retalho (menos 44 mil empregados). No seu conjunto, estes quatro setores perderam quase 249 mil empregados entre 2008 e 2013 – valor que suplanta toda a destruição líquida de emprego sofrida na Região do Norte no mesmo período. O conjunto dos restantes serviços (excluindo o comércio) contrariou a tendência deste período, ganhando cerca de 24 mil empregados entre 2008 e 2013. De entre os serviços destaca-se, neste período, a evolução do emprego nos setores da educação, da saúde humana e apoio social e dos transportes e armazenagem (todos com crescimento entre mais 10 mil e mais 12 mil empregados) e também, em sentido contrário, na administração pública, defesa e segurança social obrigatória (com menos cerca de 14 mil pessoas empregadas e com uma evolução marcada por fortes oscilações) e no setor de alojamento, restauração e similares (menos 10 mil empregados, mas com estabilidade entre 2009 e 2013).

Na fase de crescimento do emprego (entre 2013 e 2016), os setores que, na Região do Norte, mais aumentaram o número de pessoas empregadas foram as indústrias transformadoras

(com cerca de mais 46 mil trabalhadores) e o comércio por grosso e a retalho (mais 30 mil). Destaque também, nesta fase, para o crescimento do emprego no setor da saúde humana e apoio social (mais 23 mil empregados entre 2013 e 2016, neste caso prolongando a tendência de crescimento que já vinha de trás), nas atividades financeiras e de seguros (+11 mil empregados) e na administração pública, defesa e segurança social obrigatória (mais 10 mil empregados, numa evolução consumada sobretudo entre 2013 e 2014 e parcialmente contrariada em 2016). Ao invés, o emprego no setor primário continuou a diminuir (menos 59 mil empregados entre 2013 e 2016), não beneficiando em nada da emergência de um novo ciclo de crescimento económico. Outros setores que mantiveram uma tendência negativa foram a construção (menos 6 mil empregados entre 2013 e 2016) e o setor de alojamento, restauração e similares (menos 8 mil), apesar de ambos terem registado um crescimento do emprego em 2016. Para o conjunto dos serviços (exceto comércio) o emprego cresceu, na Região do Norte, em cerca de mais 37 mil pessoas empregadas, entre 2013 e 2016.

Assim, em alguns setores de atividade o emprego tem exibido, na Região do Norte, uma evolução marcadamente cíclica, com perdas no período 2008-2013 e ganhos entre 2013 e 2016. É sobretudo o caso das indústrias transformadoras (com um saldo acumulado de 36 mil empregados entre 2008 e 2016) e do comércio (saldo acumulado de menos 14 mil empregados). Mas podemos dizer que o mesmo sucede com as atividades financeiras e de seguros (saldo acumulado de mais 5 mil empregados, depois de ter exibido uma tendência irregular entre 2008 e 2013) e com a administração pública, defesa e segurança social obrigatória (saldo acumulado de menos 4 mil empregados, com o emprego a exibir fortes oscilações ao longo do período em análise).

Noutros setores de atividade, o emprego tem seguido, na Região do Norte, uma tendência de crescimento persistente ao longo de praticamente todo o período. É o que sucede com as atividades de saúde humana e apoio social, com um saldo de mais 34 mil empregados entre 2008 e 2016. Em situação semelhante encontram-se um conjunto de serviços como as atividades de informação e comunicação (apesar de uma

ligeira diminuição do emprego nos dois últimos anos), as atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares (tendência globalmente crescente apesar de fortes oscilações) ou ainda as atividades administrativas incluindo serviços de apoio (*idem*), exibindo cada um destes ramos um saldo de mais 7 mil a 8 mil empregados entre 2008 e 2016.

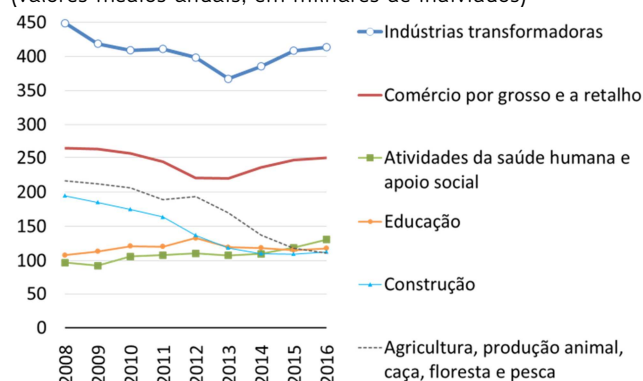
Ao contrário, outros setores observam persistentemente perdas do respetivo emprego na Região do Norte. O exemplo mais flagrante é o setor primário, que acumula menos 105 mil empregados entre 2008 e 2016, sem aparentemente beneficiar em nada do novo ciclo económico, pelo menos no que diz respeito ao emprego. Em situação semelhante encontramos o ramo do alojamento, restauração e similares (acumulando menos 18 mil empregados entre 2008 e 2016, embora ganhando 3 mil em 2016) e a construção (acumulando menos 82 mil empregos entre 2008 e 2016, embora sustendo a perda em 2015 e ganhando cerca de 3 mil empregados em 2016). Nestes dois setores, é possível que o crescimento do emprego em 2016 traduza um efeito mais tardio da inversão do ciclo de crescimento económico.

Finalmente, há dois setores de atividade cujo emprego parece sugerir um comportamento anti cíclico na Região do Norte. É o caso do ramo dos transportes e armazenagem, que depois de ganhar 10 mil empregados entre 2008 e 2013 viu o emprego estagnar entre 2013 e 2016 (com uma quebra em 2015 seguida de recuperação em 2016). É também o caso da educação, cujo emprego cresceu bastante, na Região do Norte, entre 2008 e 2012 (mais 25 mil pessoas empregadas), diminuindo depois entre 2012 e 2015 (menos cerca de 18 mil empregados), embora crescendo de novo em 2016 (mais 2 mil empregados).

Uma tendência perene tem sido a terciarização crescente do emprego da Região do Norte. Em 2008, o conjunto dos serviços (incluindo o comércio) representava 50,1% do emprego regional, proporção que em 2016 tinha crescido para 58,9%. O comércio por grosso e a retalho assegurava, em 2016, cerca de 15,7% do emprego da Região do Norte, depois de ter registado um mínimo de 13,7% em 2012. As atividades de saúde humana e apoio social viram o seu peso relativo crescer de 5,5% em 2008 para 8,2% em 2016. Em destaque

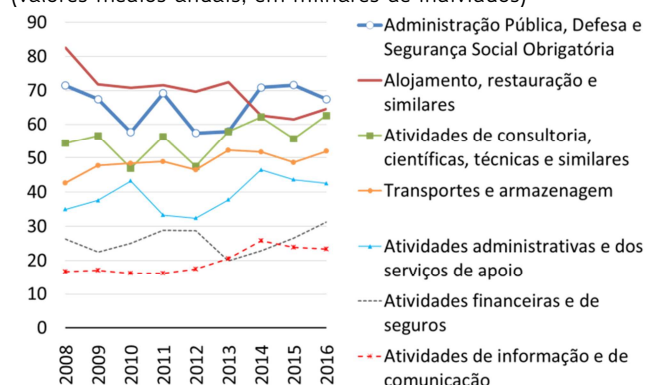
População Empregada da Região Norte: principais setores

(valores médios anuais, em milhares de indivíduos)



População Empregada da Região Norte: outros setores

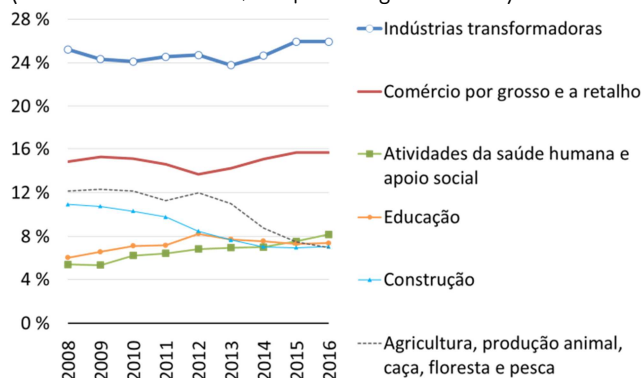
(valores médios anuais, em milhares de indivíduos)



surge também a educação, cujo peso relativo no emprego regional cresceu de 6,1% em 2008 para 8,2% em 2012, decrescendo depois para 7,3% em 2015 e 7,4% em 2016. Quanto ao setor secundário (indústria, construção, energia e água), o seu peso relativo diminuiu de 37,7% em 2008 para 32,5% em 2013, crescendo nos dois anos seguintes e quase estabilizando em 2016, em cerca de 34,1%. As indústrias transformadoras viram a sua importância relativa descer de 25,2% em 2008 para 23,8% em 2013 e crescer depois para 25,9%, tanto em 2015 como em 2016. A construção representava 10,9% do emprego regional em 2008 e viu a sua importância relativa decrescer sucessivamente, até estabilizar em cerca de 7,0% a 7,1% nos últimos três anos. Finalmente, o setor primário (agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca) representava, em 2008, cerca de 12,2% da população empregada da Região do Norte, mas a sua importância relativa tem vindo a diminuir sobretudo depois de 2011, até atingir 7,0% em 2016.

População Empregada da Região Norte: principais setores

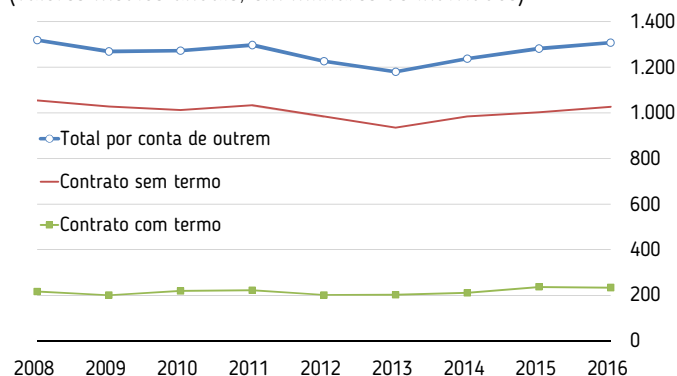
(valores médios anuais, em percentagem do total)



Os períodos de redução e de crescimento do emprego tiveram também uma incidência diferenciada segundo a situação na profissão e as condições do seu exercício. O número de trabalhadores por conta de outrem com contrato sem termo observou quase sempre uma tendência negativa na Região do Norte durante o período recessivo (apenas com a exceção de 2011) e reduziu-se em cerca de 119 mil pessoas entre 2008 e 2013, tendo depois aumentado em cerca de 92 mil pessoas entre 2013 e 2016. Quanto aos trabalhadores por contra de outrem com contrato com termo, a tendência tem sido menos clara, com o respetivo número a diminuir em 2009, a crescer nos dois anos seguintes, voltar a diminuir em 2012, crescer nos três anos subsequentes e de novo decrescer ligeiramente em 2016. Apesar disso, também neste caso é possível uma leitura cíclica, já que o número de contratados a termo diminuiu em cerca de 14 mil pessoas entre 2008 e 2013 e aumentou em 31 mil indivíduos entre 2013 e 2016. No total dos trabalhadores por conta de outrem (incluindo a categoria residual de “outro tipo” de contrato de trabalho), observou-se uma redução de 139 mil pessoas entre 2008 e 2013, seguida de um aumento de 127 mil indivíduos entre 2013 e 2016.

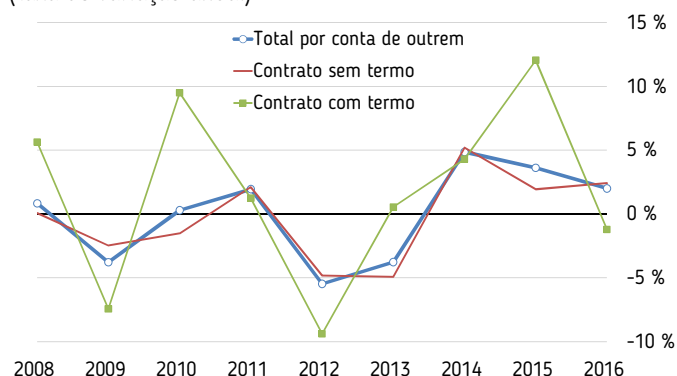
População Empregada por conta de outrem, na Região Norte

(valores médios anuais, em milhares de indivíduos)



População Empregada por conta de outrem, na Região Norte

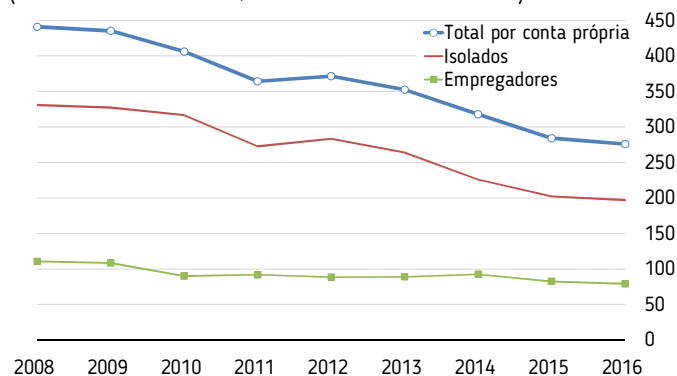
(taxa de variação anual)



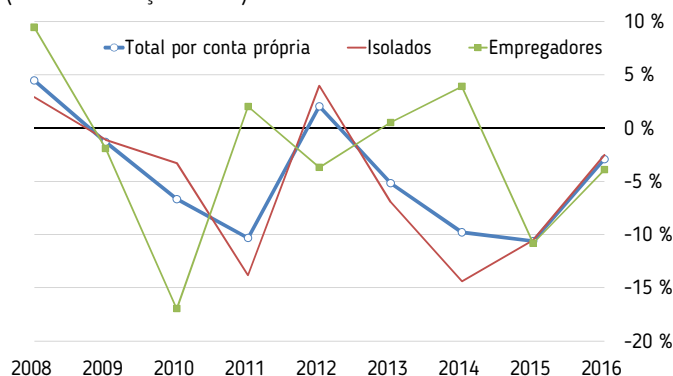
Ao contrário do número de empregados por conta de outrem, o total de trabalhadores por conta própria não parece ter reagido à inversão do ciclo económico. Depois de 2008, o número de indivíduos a trabalhar por conta própria como isolados (i.e.: não empregadores) tem vindo quase sempre a diminuir na Região do Norte (apenas com exceção do ano de 2012): em 2016 eram menos 134 mil que em 2008. Quanto aos empregadores, o seu número tem tido uma evolução irregular mas maioritariamente decrescente, de tal modo que em 2016 eram menos 31 mil do que em 2008. No total, em 2016 havia na Região do Norte menos 165 mil trabalhadores por conta própria do que em 2008.

População Empregada por conta própria, na Região Norte

(valores médios anuais, em milhares de indivíduos)



População Empregada por conta própria, na Região Norte
(taxa de variação anual)



Assim, os trabalhadores por conta de outrem tendem, apesar de algumas oscilações, a representar uma proporção crescente da população empregada residente na Região do Norte: em 2008 eram 74,1% do total; em 2013 eram 76,4%; e em 2016 eram já 82,0% do total. Os trabalhadores com contrato sem termo são a maior parte dos trabalhadores por conta de outrem. Em 2008, os contratos sem termo representavam 59,2% da população empregada da Região Norte; em 2013, essa proporção era de 60,6% (depois de ter atingido um pico de 61,7% em 2011); e em 2016 atingiu um máximo de 64,4%. Por seu turno, os trabalhadores por conta de outrem com contrato com termo viram o seu peso relativo face ao total da população empregada crescer de 12,1% em 2008 para 14,6% em 2016 (depois de atingir um pico de 15,0% em 2015). Em sentido contrário, os trabalhadores por conta própria têm vindo a representar uma proporção cada vez menor da população empregada do Norte. Em 2008 e 2009, o seu peso relativo rondava os 25%, proporção que em 2016 se tinha reduzido para apenas 17,3%. Esta redução explica-se sobretudo pelo número de trabalhadores isolados, cujo peso relativo passou, no mesmo período, de cerca de 19% para apenas 12,3%.

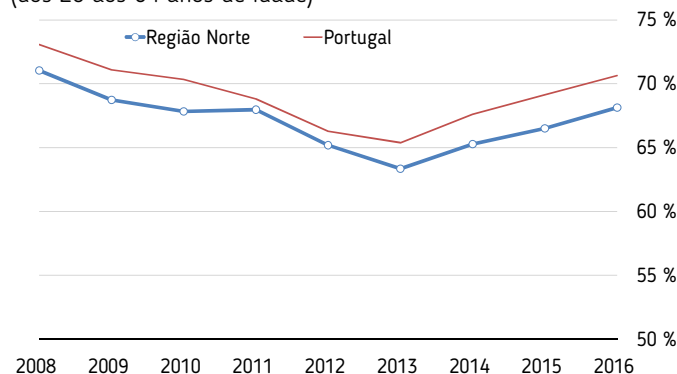
Taxa de emprego: meta e tendências

Um indicador que tem vindo a assumir uma relevância crescente é a taxa de emprego. Ao nível da União Europeia, a taxa de emprego calculada para o grupo etário dos 20 aos 64 anos é um dos indicadores selecionados para a monitorização da estratégia aprovada para o horizonte do ano 2020. Tanto para a UE como para Portugal, a meta definida para 2020 é atingir uma taxa de emprego (20-64 anos) de 75%.

Na Região do Norte, a taxa de emprego (20-64 anos) era de 71,0% em 2008, tendo depois decaído até atingir 63,3% em 2013 e recuperado desde então, chegando a 68,1% em 2016. Assim, nos últimos três anos a taxa de emprego (20-64 anos) aumentou ao ritmo médio de 1,6 pontos percentuais ao ano. Um simples exercício de simulação leva a concluir que, se nos próximos quatro anos fosse possível manter o mesmo ritmo médio de crescimento deste indicador, então a Região do Norte chegaria a 2020 com uma taxa de emprego (20-64 anos) da ordem de 74,5%.

A nível nacional, a taxa de emprego (20-64 anos) tem tido uma evolução semelhante, mas mantendo-se sempre acima dos valores registados para a Região do Norte.

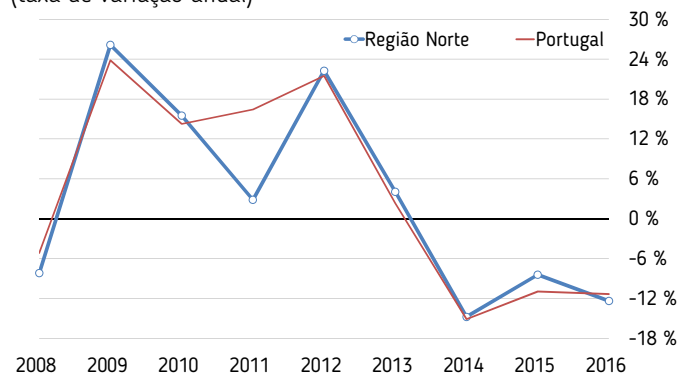
Taxa de Emprego
(dos 20 aos 64 anos de idade)



Taxa de desemprego sempre superior à média nacional

Os ciclos de destruição e criação de emprego identificados na Região do Norte têm também uma tradução em termos do número de desempregados, naturalmente. Entre 2008 e 2013, a população desempregada residente na Região do Norte estimada pelo INE passou de cerca de 168 mil para 319 mil pessoas (um aumento de cerca de 90% em cinco anos) e desde então tem vindo a diminuir atingindo 218 mil pessoas em 2016 (-31,6% em três anos).

População Desempregada
(taxa de variação anual)



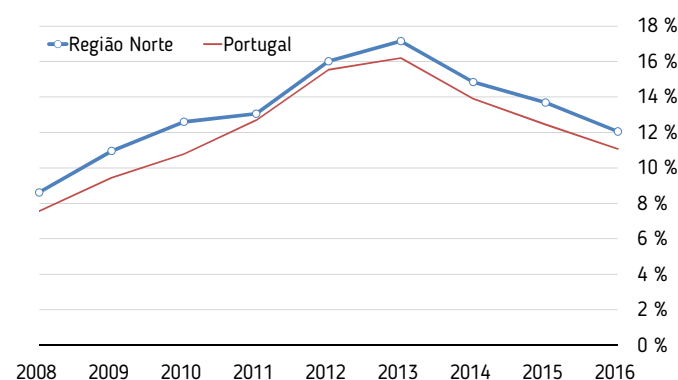
Constata-se, portanto, que não há simetria entre as oscilações da população empregada e da desempregada na Região do Norte. Entre 2008 e 2013, o aumento do número de desempregados (+151 mil) foi inferior ao decréscimo do número de empregados (-236 mil). Já entre 2013 e 2016, inversamente, a diminuição do desemprego (-101 mil) superou em muito o aumento do emprego (+50 mil).

A explicação para esta ausência de simetria é, em ambos os períodos, a diminuição da população ativa. Assim, os fatores que atrás identificámos como tendo estado na base da diminuição do número de indivíduos ativos (nomeadamente: o declínio demográfico motivado sobretudo pelo saldo

migratório negativo; o envelhecimento populacional; e ainda a queda das taxas de atividade em alguns grupos etários) têm, na verdade, funcionado como mecanismos de regulação do mercado de trabalho da Região do Norte, atuando no sentido de conter o crescimento do desemprego no período 2008-2013 e, inversamente, potenciar a sua redução no período 2013-2016.

Por seu turno, a taxa de desemprego cresceu, na Região do Norte, de 8,6% em 2008 para 17,1% em 2013, diminuindo depois para se fixar em 12,0% em 2016. Durante todo este período, a taxa de desemprego da Região do Norte manteve-se sempre superior à nacional (tal como vem sucedendo desde 2003).

Taxa de Desemprego



Mas o desemprego apresenta dinâmicas diferenciadas para determinados grupos populacionais, que importa analisar.

Na Região do Norte, a taxa de desemprego dos jovens (com menos de 25 anos) aumentou bastante entre 2008 e 2013 (de 16,4% para 35,4%), cresceu ainda ligeiramente em 2014 (para 35,7%) e só nos dois anos mais recentes começou a decrescer, atingindo 27,8% em 2016. Por outro lado, a diferença entre as taxas de desemprego masculina e feminina na Região do Norte tem-se mantido sempre desfavorável às mulheres. Essa diferença era de cerca de 2,5 pontos percentuais (p.p.) em 2008, atingiu um pico de 4,1 p.p. em 2010, voltou depois a oscilar em torno de 2 p.p., mas reduziu-se consideravelmente nos dois últimos anos, fixando-se em apenas 1 p.p. em 2016. Registe-se ainda que a circunstância de se possuir uma habilitação escolar ao nível do ensino superior tem proporcionado uma relativa defesa contra o risco de desemprego na Região do Norte. De facto, a taxa de desemprego dos indivíduos com habilitação superior tem sido, desde 2009, inferior à média desta região, registando-se uma diferença que tem oscilado entre 2,1 p.p. (em 2015) e 4,5 p.p. (em 2010).

Com a subida do desemprego, num primeiro momento diminuiu a proporção de desempregados de longa duração (desemprego superior a um ano) na Região do Norte. Entre 2008 e 2009, essa proporção reduziu-se de 53,0% para 49,3%. Mas logo a seguir aumentou significativamente, até atingir 69,9% em 2014, registando depois alguma redução nos dois anos seguintes, fixando-se em 65,0% em 2016.

Particularmente grave é a situação dos indivíduos que permanecem no desemprego durante mais de dois anos consecutivos. Entre 2008 e 2010, estes desempregados de muito longa duração eram entre cerca de 30% a 31% do total de desempregados da Região do Norte, mas essa proporção aumentou continuamente até atingir 48,8% em 2015, reduzindo-se apenas marginalmente em 2016 (para 48,6%). É possível que a maioria destas pessoas venha a ter extrema dificuldade em voltar a encontrar um emprego, se isso depender apenas do crescimento económico que venha a ocorrer e do normal funcionamento do mercado de trabalho.

Indicadores suplementares de subutilização do trabalho

A taxa de desemprego, tendo embora a enorme vantagem de ser um indicador definido em termos objetivos e de um modo fortemente harmonizado entre os países que seguem as recomendações da Organização Internacional do Trabalho, não é suficiente para descrever toda a complexa realidade da subutilização do trabalho enquanto fator produtivo numa sociedade. Não significa isto uma crítica à taxa de desemprego como indicador de referência, mas sim um reconhecimento de que, além do desemprego, existem outros aspetos relacionados com a subutilização do trabalho que aquele indicador não abarca.

O subemprego corresponde a uma situação de fronteira. Trata-se de trabalhadores que estão empregados, mas que trabalham a tempo parcial e que declaram a sua vontade e disponibilidade para trabalhar mais horas do que as que habitualmente trabalham. Partilham características em comum quer com os empregados (pois têm um emprego), quer com os desempregados (pois representam uma oferta de trabalho que não é utilizada, pelo menos não plenamente). Formalmente, porém, são classificados entre a população empregada.

Na Região do Norte, o número de trabalhadores a tempo parcial em situação de subemprego cresceu de 82 mil em 2011 para 97 mil em 2013; reduziu-se em 2014 para cerca de 86 mil; quase estabilizou em 2015; e em 2016 reduziu-se ainda mais, para cerca de 79 mil. Em termos relativos, o subemprego de trabalhadores a tempo parcial, representava, em 2011, 4,9% da população empregada residente na Região do Norte; sendo que em 2013 essa proporção atingiu um máximo de 6,3%; e que em 2016 se fixou em 5,0%, regressando a um nível semelhante ao de 2011.

Outro indicador suplementar comumente utilizado diz respeito ao número de indivíduos que, não estando empregados, declaram querer trabalhar e estarem disponíveis para trabalhar, mas que não procuram emprego (ou, pelo menos, que não o procuraram durante um certo período de referência associado ao momento em que são inquiridos). Estes indivíduos partilham com os desempregados a circunstância de não terem emprego e quererem trabalhar, mas não podem ser classificados como desempregados por não cumprirem a condição de procurarem emprego. Assim, são classificados entre a população inativa. As razões pelas quais não procuraram

Taxas de emprego, de desemprego e de atividade: o mercado de trabalho e a sua trajetória

O cálculo da taxa de emprego (20-64 anos) corresponde ao quociente entre a população empregada dos 20 aos 64 anos de idade e a população residente do mesmo grupo etário. É possível definir uma taxa de desemprego específica do mesmo grupo etário, expressa como a população desempregada dos 20 aos 64 anos em proporção da população ativa, sendo esta a soma da população empregada com a desempregada do mesmo grupo etário. Do mesmo modo, pode também definir-se uma taxa de atividade dos 20 aos 64 anos, como sendo o quociente entre a população ativa e a população residente, sempre do mesmo grupo etário. É imediato verificar que existe uma relação entre estes três indicadores, dada por:

$$e_{20;64} = a_{20;64} \cdot (1 - d_{20;64})$$

onde $e_{20;64}$ representa a taxa de emprego, $a_{20;64}$ a taxa de atividade e $d_{20;64}$ a taxa de desemprego, sempre para o grupo etário dos 20 aos 64 anos.

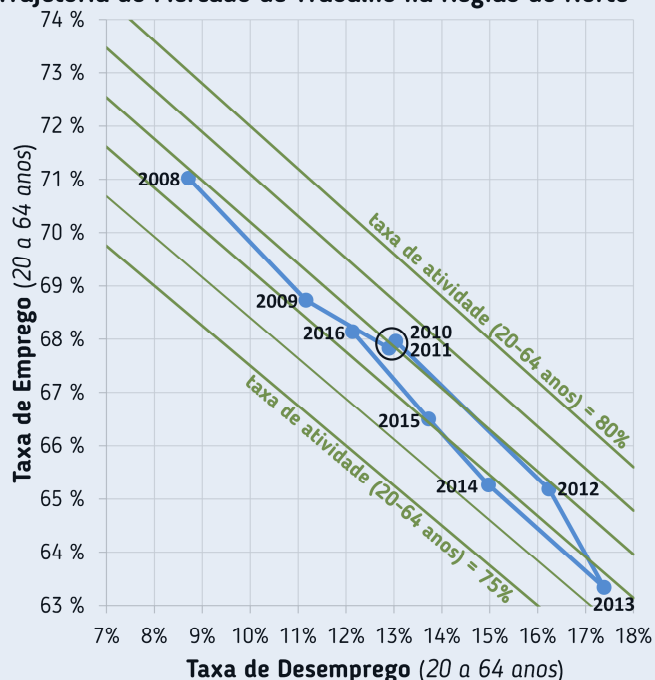
Assim, é possível traçar, no plano definido pela taxa de desemprego (20-64 anos) e pela taxa de emprego (20-64 anos), linhas retas que representam a relação entre aquelas duas variáveis para valores predeterminados da taxa de atividade (20-64 anos). Estas são, portanto, linhas isoquantas, no sentido em que ligam os pontos correspondentes a um mesmo valor da taxa de atividade. A representação, neste plano, das situações vividas no mercado de trabalho ao longo dos anos permite sintetizar num mesmo gráfico a evolução daquelas três variáveis, apresentando a evolução ocorrida sob a forma de uma trajetória e introduzindo uma leitura como que topográfica do mercado de trabalho. Nos gráficos desta página, construídos por referência ao grupo etário dos 20 aos 64 anos, os pontos situados no canto superior esquerdo correspondem a valores elevados da taxa de emprego e níveis reduzidos da taxa de desemprego, enquanto os pontos

localizados no canto inferior direito traduzem, pelo contrário, valores baixos da taxa de emprego e níveis elevados da taxa de desemprego. Para além disso, os pontos mais próximos da origem (canto inferior esquerdo) significam taxas de atividade mais baixas e os mais afastados da origem revelam taxas de atividade mais elevadas. As linhas oblíquas traçadas a verde correspondem a isoquantas para valores da taxa de atividade (20-64 anos) de 75%, 76%, 77%, 78%, 79% e 80%. Os dois gráficos comparam as trajetórias do mercado de trabalho para a Região do Norte e para Portugal como um todo.

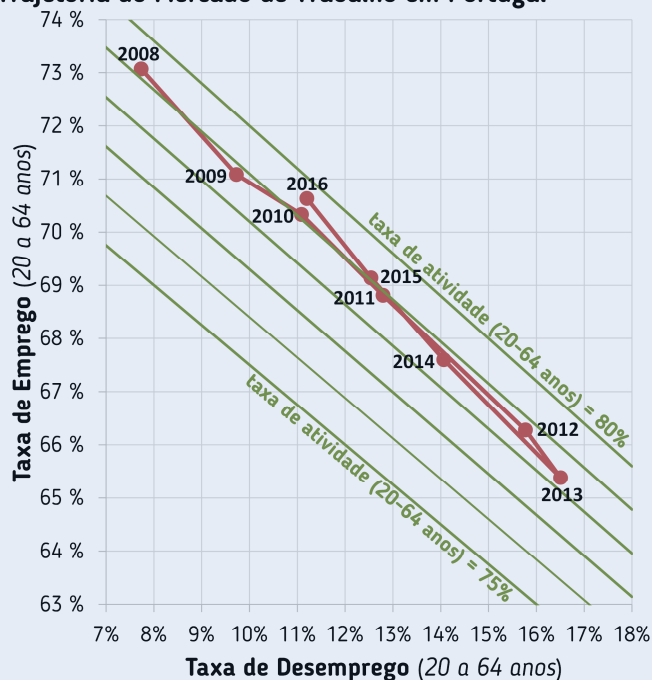
Na Região do Norte, entre 2008 e 2013, a taxa de emprego (20-64 anos) reduziu-se de 71,0% para 63,3% e a taxa de desemprego (20-64 anos) aumentou de 8,7% para 17,4%. Quanto à taxa de atividade do mesmo grupo etário, ela era de 77,8% em 2008, tendo sofrido um abaixamento em 2009 e recuperado logo em 2010. Entre 2011 e 2013, a taxa de atividade (20-64 anos) baixou de 78,2% para 76,7%. Nos últimos três anos deu-se então uma recuperação, com a taxa de emprego (20-64 anos) a subir para 68,1% e a taxa de desemprego do mesmo grupo etário a descer para 12,1%. A taxa de atividade (20-64 anos) subiu nos dois anos mais recentes, atingindo 77,6% em 2016. O gráfico mostra que em 2016 o mercado de trabalho da Região do Norte estava, em relação a todas as variáveis aqui consideradas, numa situação intermédia entre as que se viveram em 2009 e 2010.

Para Portugal, a trajetória tem sido semelhante à do Norte, mas sempre com níveis superiores das taxas de emprego e de atividade e inferiores da taxa de desemprego. Além disso, o gráfico mostra que em 2016 apenas a taxa de emprego era intermédia entre as observadas em 2009 e 2010, enquanto a taxa de desemprego era semelhante à de 2010 e a taxa de atividade atingia o máximo de todo o período em análise.

Trajetória do Mercado de Trabalho na Região do Norte



Trajetória do Mercado de Trabalho em Portugal

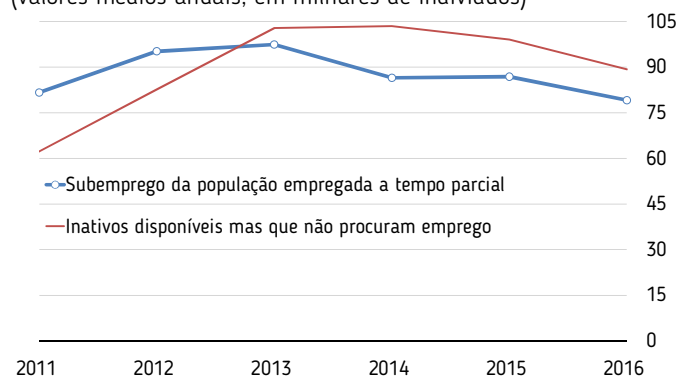


emprego no período de referência do inquérito podem ser de natureza pessoal ou familiar, como podem também estar relacionadas com a perceção da situação económica (nomeadamente, poderem estar já persuadidos de que não vale a pena procurar por não existirem empregos disponíveis a que possam aspirar).

Na Região do Norte, o número de inativos disponíveis para trabalhar mas sem procura de emprego era de cerca de 62 mil pessoas em 2011; atingiu máximos de 103 a 104 mil pessoas em 2013 e 2014 e depois disso diminuiu, vindo a ser de cerca de 89 mil pessoas em 2016.

Indicadores suplementares de subutilização do fator trabalho na Região do Norte

(valores médios anuais, em milhares de indivíduos)



Assim, na Região do Norte, os indicadores suplementares de subutilização do fator trabalho apresentam, pelo menos desde 2011, um padrão de evolução temporal concordante com os ciclos que temos vindo a identificar, nomeadamente com um aumento até 2013 e desde então com tendência decrescente (ou, pontualmente, de estabilização).

Região do Norte mantém salário médio inferior ao nacional

O nível salarial médio praticado na Região do Norte mantém-se inferior à média nacional e os dados disponíveis desde 2011 não mostram uma tendência de aproximação. Entre 2011 e 2014, o salário médio mensal líquido dos trabalhadores por conta de outrem da Região do Norte situou-se entre 7% e 7,4% abaixo da média nacional; em 2015, essa diferença passou para 8,8%; e em 2016 reduziu-se ligeiramente, mas o salário médio da Região do Norte era ainda inferior à média nacional em cerca de 8,1%.

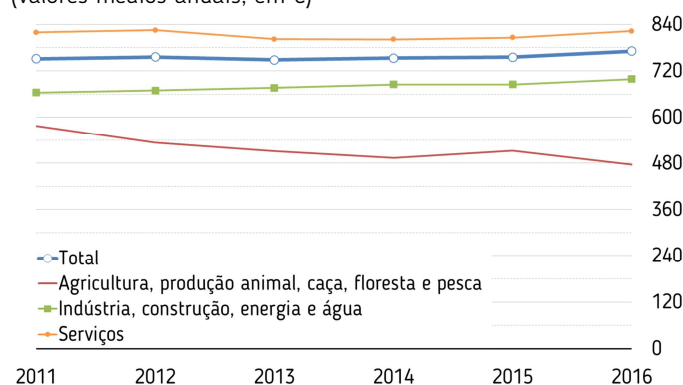
O diferencial do salário médio da Região do Norte para o nacional é menos acentuado nos serviços (-5,6%, em 2016) do que no setor secundário (-9,0%, em 2016). Mas é sobretudo no setor primário que o diferencial salarial entre a média da região e a média nacional se tem agravado de forma mais acentuada, tendo atingido -19,7% em 2016.

Confrontando a variação do salário médio com a do índice de preços no consumidor (inflação observada no consumo), verificamos que em 2012 e 2013 o salário médio conheceu, em termos reais, variações negativas tanto na Região do

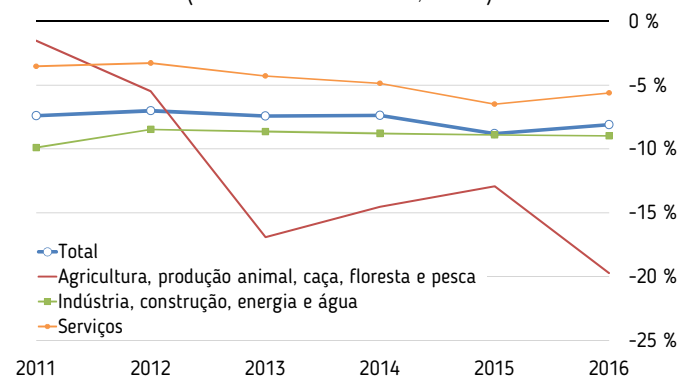
Norte como a nível nacional. Em 2014, a situação inverteu-se, com o salário real, em termos médios, a crescer 1,2% na Região do Norte e 0,9% em Portugal. Em 2015, o salário real continuou a crescer a nível nacional (+1,4%), mas voltou a cair na Região do Norte (-0,5%). Finalmente, em 2016, o salário médio voltou a crescer em termos reais na Região do Norte (+1,4%) e a nível nacional (+0,7%).

Rendimento médio mensal líquido da população empregada por conta de outrem, na Região do Norte

(valores médios anuais, em €)

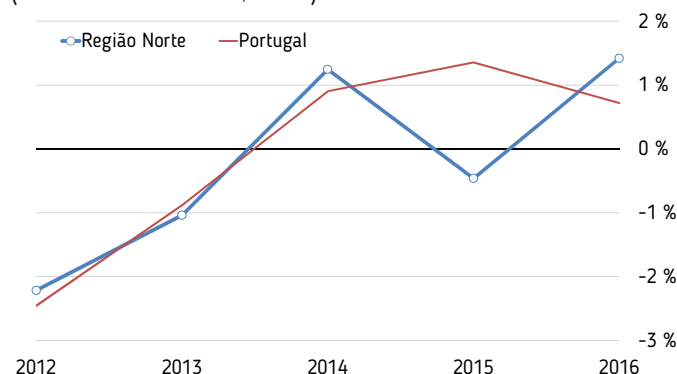


Rendimento médio mensal líquido da população empregada por conta de outrem: diferença da Região do Norte face à média nacional (valores médios anuais, em %)



Variação real do rendimento médio mensal líquido da população empregada por conta de outrem

(valores médios anuais, em %)



Síntese conclusiva

Entre 2008 e 2013 o mercado de trabalho da Região do Norte viveu uma conjuntura adversa caracterizada por um processo de destruição de emprego que, em termos líquidos, retirou 236 mil pessoas à população empregada (-13,3%). Os anos de 2014 a 2016 foram marcados pelo crescimento económico, contrastando com o período recessivo anterior. A mudança chegou também ao mercado de trabalho: entre 2013 e 2016, a população empregada residente na Região do Norte cresceu sempre e ganhou, em termos líquidos, cerca de 50 mil indivíduos (+3,3%). O balanço destes últimos três anos fica ainda muito longe de sequer compensar as perdas sofridas entre 2008 e 2013, mas marca uma importantíssima mudança de rumo e vem demonstrar que, mantendo uma trajetória consistente de crescimento económico, continua a ser possível fazer crescer o emprego, mesmo no contexto de uma economia fortemente aberta ao exterior e crescentemente competitiva.

Ao longo de todo este ciclo, a diminuição da população ativa – assegurada sobretudo pela via dos movimentos migratórios de saída, além do envelhecimento demográfico e da queda de algumas taxas de atividade – tem atuado como um mecanismo de regulação, primeiro fazendo conter o crescimento do desemprego e depois, inversamente, potenciando a sua redução.

No que se refere aos setores de atividade, as indústrias transformadoras e o comércio por grosso e a retalho são os dois setores cujo emprego mais de perto acompanhou a evolução cíclica dos últimos anos, destacando-se quer nas perdas entre 2008 e 2013, quer nos ganhos do período subsequente. O setor primário destaca-se por manter uma tendência de perda consistente ao longo de todo o período. Na construção (também em destaque pela negativa no período recessivo) e no ramo do alojamento, restauração e similares observaram-se em 2016 ligeiros crescimentos do emprego que poderão traduzir um efeito diferido da nova fase do ciclo económico – situação a conferir ao longo de 2017. Por último, as atividades de saúde humana e apoio social são o exemplo

de um ramo cujo emprego segue uma tendência de crescimento persistente ao longo de praticamente todo o período analisado.

Uma constante do período estudado é o facto de a Região do Norte apresentar sempre uma situação mais desfavorável do mercado de trabalho do que a média nacional, com taxas de atividade e de emprego mais baixas, taxas de desemprego mais altas e salários médios mais baixos.

No final deste período, o mercado de trabalho da Região do Norte apresentava, em 2016, uma situação intermédia à observada nos anos de 2009 e 2010. Projetar tendências não é adivinhar o futuro nem serve para fazer previsões, mas permite sinalizar o rumo que vai sendo seguido: se nos próximos quatro anos a taxa de emprego (dos 20 aos 64 anos) continuar (ou continuasse) a crescer ao ritmo observado entre 2013 e 2016, então a Região do Norte atingiria, em 2020, uma taxa de emprego (20-64) da ordem de 74,8%. O que entretanto venha a suceder em matéria de crescimento económico será sempre uma variável determinante, também para a evolução do mercado de trabalho da Região do Norte.

O Inquérito ao Emprego foi alvo, em 2011, de um conjunto de alterações metodológicas que configuram uma quebra de série. O INE estimou, em devido tempo, os impactos dessa quebra de série sobre as estimativas dos totais das principais variáveis e, no caso da Região do Norte, esses impactos tiveram uma expressão muito reduzida, que consideramos não invalidar as comparações ao longo do tempo.

Algumas variáveis, porém, parecem ter sido mais afetadas pela quebra de série. Estão nessa situação os indicadores suplementares de subutilização do trabalho e a informação sobre salários médios, por exemplo. Nestes casos, apenas apresentamos informação desde 2011. É também possível que o impacto da quebra de série de 2011 tenha sido mais expressivo sobre estimativas com maior grau de desagregação, mas não o podemos confirmar.

PROJEÇÕES DEMOGRÁFICAS (2015-2080)



As projeções demográficas recentemente atualizadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) para o período 2015-2080 evidenciam claramente uma tendência para a continuação do declínio da população residente e para o agravamento do envelhecimento demográfico. A Região do Norte deverá ser a que mais contribui para a diminuição da população residente em Portugal e durante a década de 50 deverá deixar de ser a região mais populosa, passando esse papel a ser desempenhado pela Área Metropolitana de Lisboa. Apenas num cenário sem migrações se constata que o Norte continuaria a ser a região mais populosa. Além disso, a partir de 2033 o Norte deverá, de acordo com o cenário central considerado pelo INE, passar a ser a região NUTS II portuguesa com a população mais envelhecida.

Os cenários considerados

O INE esclarece que as projeções da população residente para o período 2015-2080 têm por base a estimativa provisória de população residente em 31-12-2015, por NUTS II. As projeções são apresentadas pelo INE considerando quatro cenários: os cenários baixo, central e alto resultam de diferentes combinações de hipóteses formuladas quanto à evolução dos determinantes da evolução demográfica (fecundidade,

mortalidade e migrações); a estes junta-se ainda um cenário sem migrações, o qual corresponde ao cenário central no que se refere à fecundidade e à mortalidade, mas admitindo a hipótese teórica da inexistência de migrações. No final do texto incluímos uma descrição mais detalhada de cada um dos cenários e das hipóteses subjacentes.

O INE adverte ainda que os resultados obtidos não devem ser entendidos como previsões, mas antes como estando condicionados quer pelo volume e estrutura da população inicial (em 2015), quer pelo conjunto de hipóteses que suportam os diferentes cenários.

A evolução da população residente

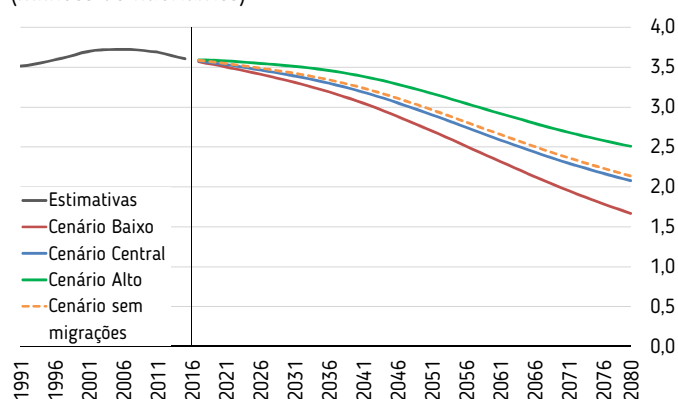
A Região do Norte deverá, segundo todos os cenários estudados pelo INE, perder população continuamente ao longo de todo o período considerado.

De acordo com os resultados obtidos para o cenário central, até 2080 a população residente em Portugal poderá passar dos atuais 10,3 milhões de habitantes para 7,5 milhões. No mesmo período, e sempre segundo o cenário central, o número de habitantes da Região do Norte poderá descer de 3,6 milhões para 2,1 milhões.

População residente na Região do Norte, 1991-2080:

estimativas e projeções, por cenários

(milhões de habitantes)



Naturalmente, a intensidade da perda de população varia consoante os cenários considerados. No cenário baixo, com maior perda demográfica, a população residente da Região do Norte cairia abaixo de 3 milhões logo no ano 2043, abaixo dos 2 milhões em 2070 e seria de 1,7 milhões em 2080. No cenário central, o número de habitantes do Norte tornar-se-ia inferior a 3 milhões em 2048. No cenário alto, com menor perda demográfica, somente em 2058 é que a população da Região do Norte desceria abaixo do limiar de 3 milhões e em 2080 totalizaria cerca de 2,5 milhões. Quanto ao cenário sem migrações, ele apresenta, em todo o período da projeção, uma população apenas ligeiramente superior à do cenário central (diferença sempre inferior a 70 mil indivíduos).

O momento a partir do qual a Região do Norte poderá deixar de ser a mais populosa, sendo ultrapassada pela Área Metropolitana de Lisboa, varia também segundo os diferentes cenários: poderá suceder em 2052 segundo o cenário alto, em 2055 de acordo com o cenário central, ou em 2059 pelo cenário baixo.

População por grandes grupos etários

Segundo o cenário central, o número de residentes na Região do Norte com menos de 15 anos, que em 2015 era cerca de 489 mil, deverá reduzir-se para metade no prazo de 50 anos e atingir 217 mil em 2080. No cenário baixo, o número de jovens desceria ainda mais e em 2080 não iria além de 140 mil. Mas no cenário alto a população jovem da Região do Norte passaria a observar apenas reduções muito ligeiras a partir do final da década de 50 e em 2080 totalizaria cerca de 297 mil pessoas.

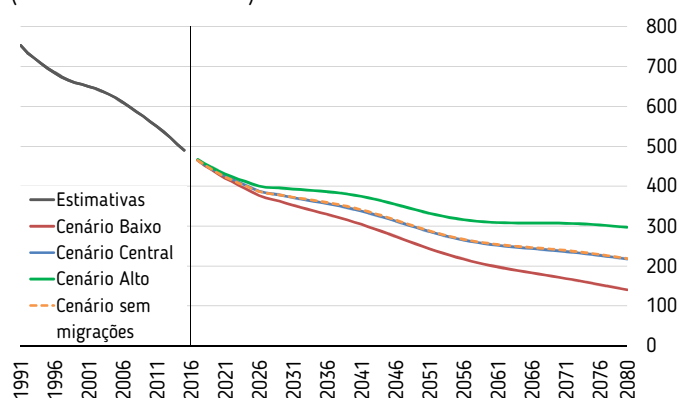
Também a população dos 15 aos 64 anos, deverá, segundo o cenário central projetado para a Região do Norte, reduzir-se para cerca de metade do valor observado em 2015 (2,4 milhões) dentre de 50 anos. Para 2080, o cenário central aponta para cerca de 996 mil habitantes da Região do Norte neste grupo etário, enquanto os cenários baixo e alto indicam, respetivamente, 743 mil e 1 milhão e 218 mil.

Quanto aos cidadãos com 65 ou mais anos de idade, o seu número deverá atingir um máximo durante a década de 40

(entre 2045 e 2048, consoante os cenários considerados), diminuindo depois. A população residente deste grupo etário, que em 2015 totalizava cerca de 683 mil pessoas na Região do Norte, deverá atingir entre 1,1 e 1,2 milhões durante a década de 40. Para o final do período da projeção, em 2080, o cenário central indica a existência de 864 mil cidadãos com mais de 64 anos na Região do Norte, podendo este número variar entre 783 mil (no cenário baixo) ou 992 mil (no cenário alto).

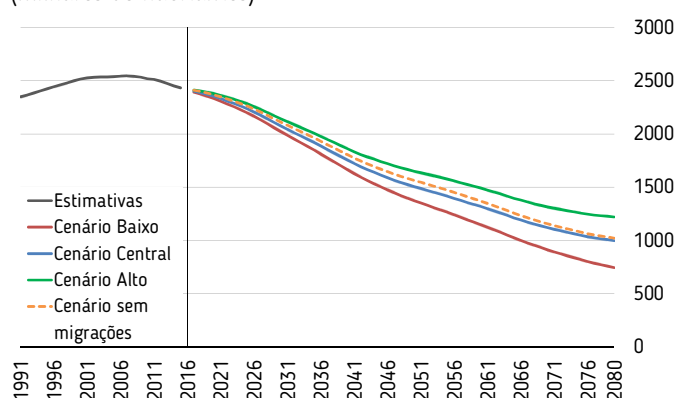
População residente dos 0 aos 14 anos na Região do Norte, 1991-2080: estimativas e projeções, por cenários

(milhares de habitantes)



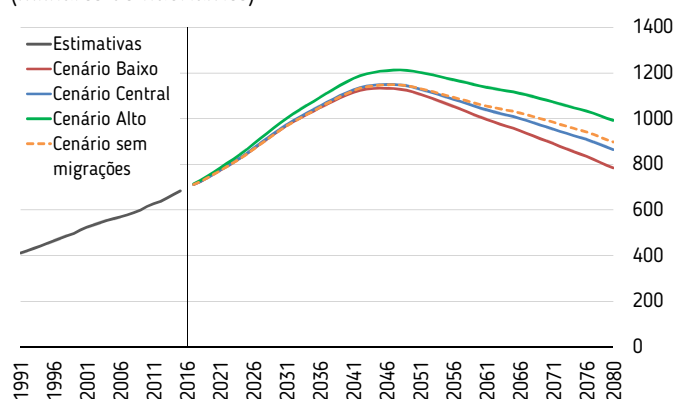
População residente dos 15 aos 64 anos na Região do Norte, 1991-2080: estimativas e projeções, por cenários

(milhares de habitantes)



População residente com 65 ou mais anos na Região do Norte, 1991-2080: estimativas e projeções, por cenários

(milhares de habitantes)



Índice de envelhecimento

Em 2015, a Região do Norte registava um índice de envelhecimento de 139,5 idosos (com 65 ou mais anos) por cada 100 jovens (com menos de 15 anos). Este número deverá, segundo o cenário central, duplicar até 2034 (ou entre 2032 e 2036, consoante os vários cenários).

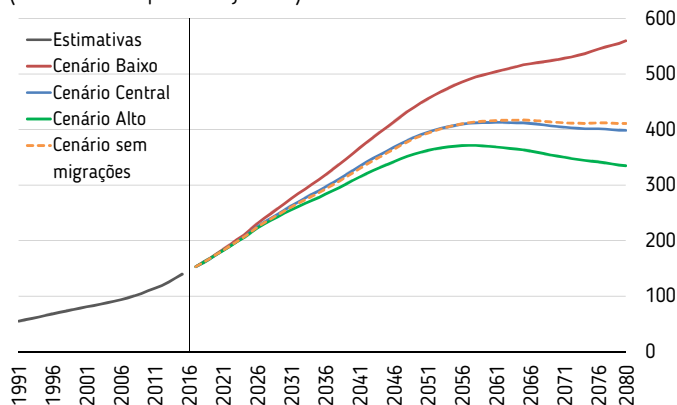
De acordo com o cenário central, a Região do Norte deverá, a partir de 2033, apresentar o maior índice de envelhecimento entre as regiões NUTS II portuguesas, sucedendo ao Alentejo, que ocupa atualmente essa posição, e ao Centro, que deverá ser a região mais envelhecida entre 2020 e 2032.

No cenário central, o índice de envelhecimento da Região do Norte atingirá em 2061 um valor máximo de quase 413 idosos por cada 100 jovens, diminuindo ligeiramente a partir daí para atingir o valor de 398 em 2080. De acordo com o cenário alto, o índice de envelhecimento declinará a partir 2058 depois de atingir um máximo de 371 idosos por cada 100 jovens e por altura de 2080 terá um valor próximo de

334. Já segundo o cenário baixo, o índice de envelhecimento da Região do Norte poderá aumentar consecutivamente, até atingir 559 idosos por cada 100 jovens em 2080.

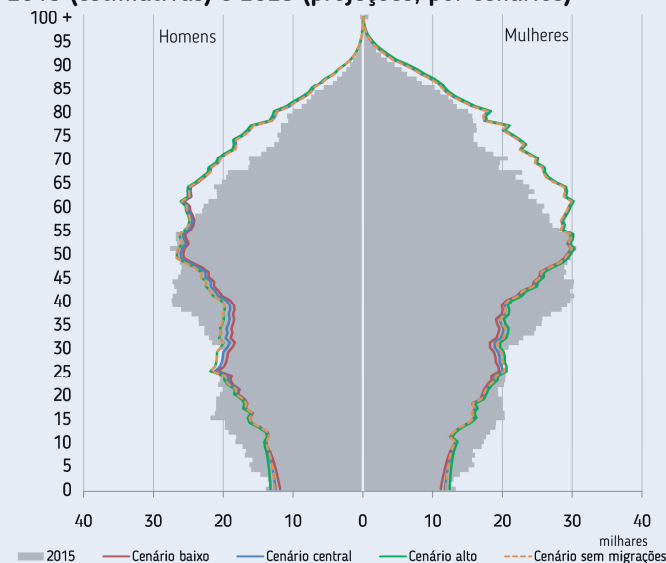
Índice de envelhecimento na Região do Norte, 1991-2080: estimativas e projeções, por cenários

(nº de idosos por 100 jovens)

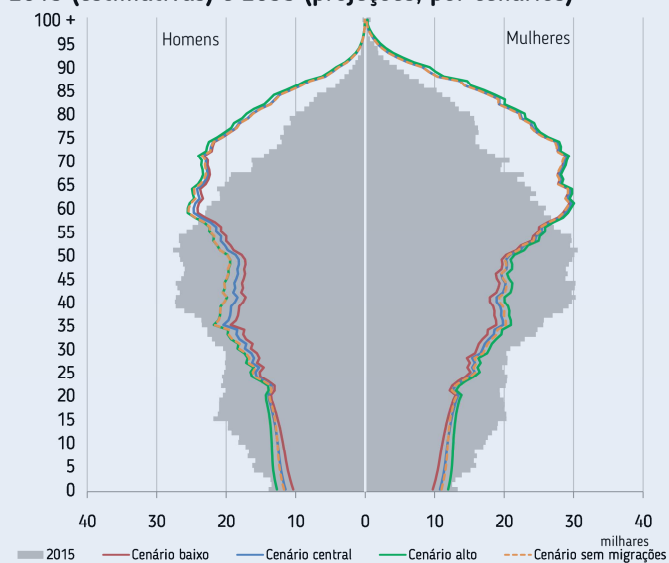


Pirâmides etárias da Região do Norte

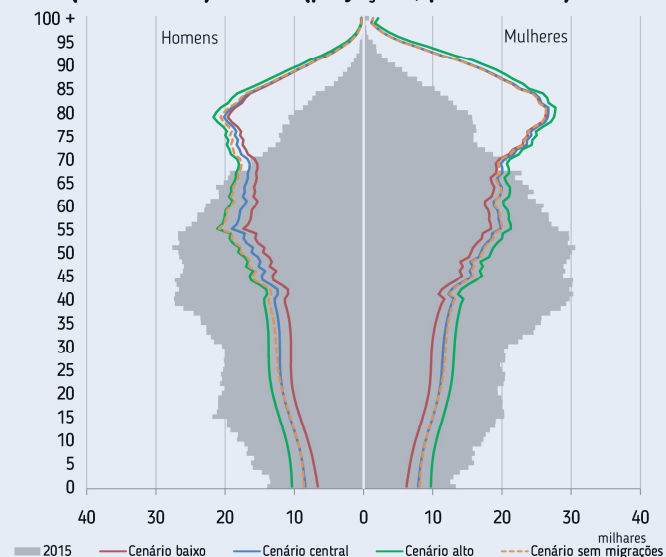
2015 (estimativas) e 2025 (projeções, por cenários)



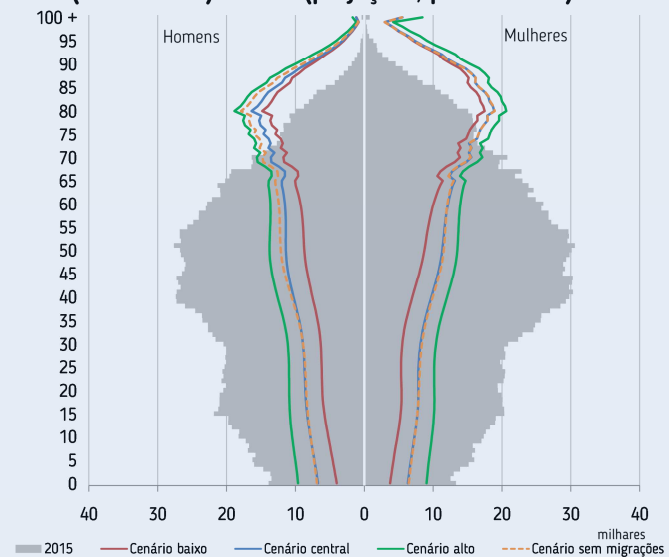
2015 (estimativas) e 2035 (projeções, por cenários)



2015 (estimativas) e 2055 (projeções, por cenários)



2015 (estimativas) e 2080 (projeções, por cenários)



Descrição detalhada dos cenários de projeção

Os diferentes cenários utilizados nas projeções da população residente resultam de combinações variáveis de hipóteses quanto à evolução futura da fecundidade, da mortalidade e dos comportamentos migratórios. O INE esclarece que a formulação destas hipóteses teve por base a observação, análise e modelação das tendências passadas (no período de 1980 a 2015) e ainda a opinião de um conjunto de especialistas sobre a evolução futura dos comportamentos, salientando ainda que não foi considerada nenhuma outra variável exógena além dos próprios indicadores demográficos.

Quanto à fecundidade, e especificamente para o caso da Região do Norte, foram formuladas: uma hipótese pessimista segundo a qual o índice sintético de fecundidade (ISF), que em 2015 era de 1,17 filhos por mulher, observará uma ligeira recuperação até atingir 1,31 em 2080; uma hipótese central que coloca o ISF em 1,52 em 2080; e ainda uma hipótese otimista que eleva o ISF em 2080 para o valor de 1,73 filhos por mulher.

No que se refere à mortalidade, as duas hipóteses formuladas são sintetizadas através do indicador esperança de vida à nascença. Para os homens, cuja esperança de vida à nascença na Região do Norte era, no período 2013-2015, de 77,7 anos, a hipótese central supõe que em 2080 o mesmo indicador atinja 87,4 anos, enquanto a hipótese otimista admite 88,4 anos. Em relação às mulheres, admite-se que a esperança de vida à nascença evolua de 83,4 anos para 92 anos (hipótese central) ou 93 anos (hipótese otimista).

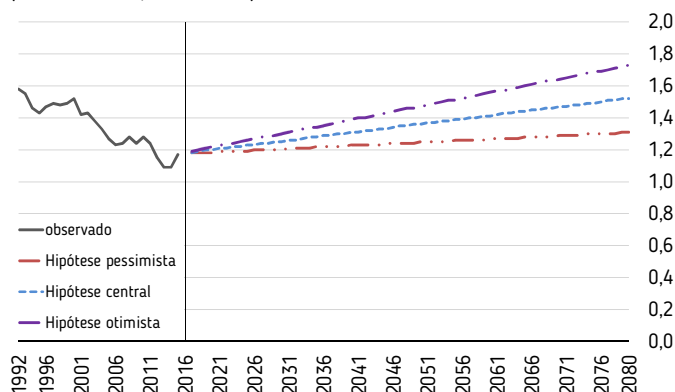
Finalmente admitem-se três hipóteses quanto à evolução do saldo migratório da Região do Norte, sendo esta, porventura, a componente em relação à qual é mais difícil fazer previsões. Numa hipótese pessimista, admite-se que a Região do Norte mantenha saldos migratórios negativos, embora cada vez menos acentuados, até atingir um saldo migratório de cerca de -3500 habitantes em 2080. Numa hipótese central, o saldo migratório da Região do Norte tornar-se-ia positivo a partir de 2063, atingindo em 2080 um valor próximo de 800 pessoas. Finalmente, numa hipótese otimista, o saldo migratório tornar-se-ia positivo já em 2017 e chegaria a 2080 com um valor próximo de 2500 pessoas.

A partir destas hipóteses, o INE formulou então os cenários utilizados na projeção da população residente:

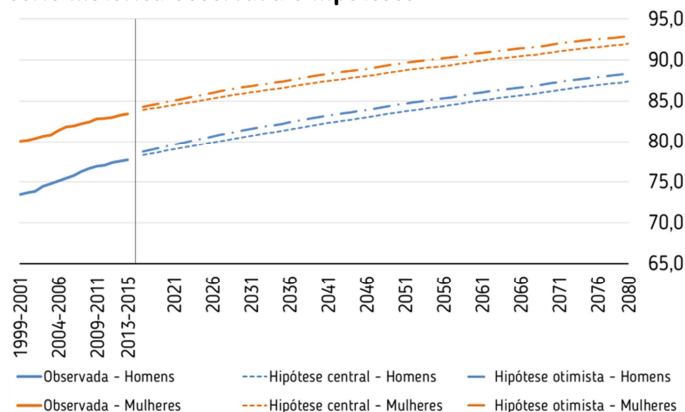
- o cenário baixo conjuga a hipótese pessimista quanto à fecundidade, a hipótese central quanto à mortalidade e a hipótese pessimista quanto ao saldo migratório;
- o cenário central utiliza as hipóteses centrais para todas as componentes da evolução demográfica;

- o cenário alto combina as hipóteses otimistas quanto às três componentes consideradas;
- e o cenário sem migrações parte do cenário central, mas admitindo, para efeitos de comparação, a hipótese altamente improvável de inexistência de migrações.

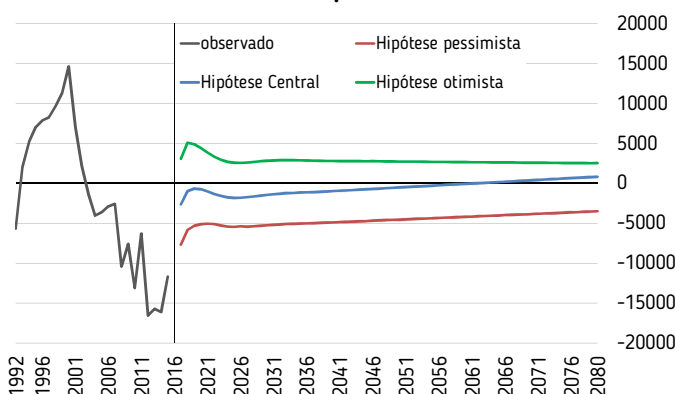
Índice sintético de fecundidade, Região do Norte, 1992-2080: série histórica observada e hipóteses
(nº de filhos por mulher)



Esperança de vida à nascença, Região do Norte, 1999-2080: série histórica observada e hipóteses



Saldo migratório, Região do Norte, 1992-2080: série histórica observada e hipóteses



NORTE ESTRUTURA é uma publicação trimestral da CCDRN.

Contactos:

Gabinete de Estudos e Avaliação de Políticas Regionais:
eduardo.pereira@ccdr-n.pt

Gabinete de Marketing e Comunicação:
gabinete.comunicacao@ccdr-n.pt

Fontes:

INE, Inquérito ao Emprego, séries 1998 e 2011
INE, Projeções de População Residente 2015-2080